



COLÉGIO BOM JESUS CENTRO

**OMISSÃO DA MULHER AUTISTA NA PESQUISA; MOTIVOS, EFEITOS E
SOLUÇÕES**

Curitiba, PR

2022



Laura Mariano da Silva

Cornélio Schwambach

OMISSÃO DA MULHER AUTISTA NA PESQUISA; MOTIVOS, EFEITOS E SOLUÇÕES

Relatório apresentado à 6ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Cornélio

Curitiba, PR

2022



RESUMO

O objetivo deste projeto consiste em avaliar a disparidade de estudos de autismo entre mulheres e homens, e as consequências dos estereótipos que foram formados por conta desta disparidade de pesquisas. O artigo também discute maneiras positivas para prestar apoio a mulheres autistas de acordo com seus traços e experiências únicas, divergindo de tratamentos padronizados e buscando uma forma acolhedora de viver com o autismo; sem considerá-lo como um absoluto de negativos ou positivos, mas apenas uma parte da vida do indivíduo e da sociedade que sempre estará lá. Além disso, propõe uma mudança de paradigma em relação ao autismo em si, eliminando estereótipos que omitiram a existência da mulher autista e oferecendo uma versão inclusiva, objetiva e fácil de entender.

Palavras-chave: autismo, misoginia, capacitismo, deficiência, machismo



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 OBJETIVO GERAL	7
4 METODOLOGIA	8
5 RESULTADOS OBTIDOS	9
6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	10
REFERÊNCIAS	11



1 INTRODUÇÃO

O surgimento de pesquisas sobre autismo em mulheres é um assunto que ganha força nos últimos anos, e o estereótipo da existência ou predominância de autismo em homens é cada vez mais desmantelado em favor de uma visão equitária de como autismo se manifesta dependendo do gênero. Mas mesmo com as atualizações acadêmicas, o conhecimento popular sobre autismo não acompanhou essa mudança. Como melhor auxiliar mulheres que são diagnosticadas como autistas? E como lhes dar seu devido lugar na história do autismo depois de tanto tempo omitidas dela?



2 JUSTIFICATIVA

A necessidade de conhecimento sobre autismo para além dos estereótipos com objetivo de maior capacidade de apoio pode auxiliar no diagnóstico precoce e apoio correto às crianças diagnosticadas. A compaixão por autistas que pareçam ou não “normais” é necessária por eles fazerem parte da sociedade em si, mas é preciso encarar o autismo numa perspectiva mais acolhedora e aceita. O conhecimento para o brasileiro sobre o autismo a partir da escrita deste artigo propõe uma nova forma de enxergar o autismo não como algo patológico provocado por fatores externos, mas algo intrínseco ao indivíduo e não curável, que molda unicamente a maneira que a pessoa experiencia o mundo. O artigo visa mostrar como encarar o autismo de uma forma não preconceituosa e sim inclusiva. A mulher autista sofre um tipo de preconceito único, e a mistura de machismo e capacitismo que a deixa ainda mais isolada em suas experiências em contraste com a mulher não autista e o homem autista



3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

- Analisar a maneira de que a mulher autista é excluída de estudos sobre autismo, e como isso afeta

3.2 ESPECÍFICOS

- Revisar literatura específica sobre a temática desenvolvida.
- Propor maneiras de apoio adequado às mulheres autistas.
- Refletir sobre a necessidade de mudança de paradigma sobre o conhecimento relacionados às mulheres autistas.



4 METODOLOGIA

A metodologia utilizada conforme Gil, 2008 é classificada em exploratória considerando os objetivos e de caráter bibliográfico e pesquisa-ação considerando os procedimentos. Revisão da literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. Neste artigo optou-se pela revisão narrativa. A revisão narrativa não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações.



5 DESENVOLVIMENTO

5.1 O QUE É O AUTISMO

O autismo consiste de uma deficiência neurodesenvolvimental genética, com traços que consistem em dificuldade em manter contato visual, necessidade de rotinas rígidas, sensibilidades sensoriais, e déficits em múltiplos contextos sociais; e predominantemente nos casos de autismo em mulheres, existe o “masking”, que é a camuflagem dos traços autistas ao copiar comportamentos de pessoas não autistas com o objetivo de integração social. Por não ter características físicas, como por exemplo o pescoço curto em pessoas com síndrome de Down, é considerada uma deficiência invisível, principalmente em autistas com traços menos severos ou que praticam o “masking”. O termo “autismo” foi criado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler em 1911 em seu livro “Dementia Praecox” para nomear um dos principais sintomas de esquizofrenia, que consistia na separação do paciente com a realidade, e seu desinteresse em socialização. A palavra se origina da junção da palavra "autós" do grego que significa si mesmo, e o sufixo “ismo”, que significa uma condição ou estado de ser. Sua primeira menção em um cenário profissional sem ser um sintoma de esquizofrenia foi feita por Grunya Efimovna Sukhareva em 1926, descrevendo as características autistas que seus seis pacientes compartilhavam e lentamente separando autismo da esquizofrenia infantil; duas décadas antes de Leo Kanner e Hans Aspergers, que são mais popularmente conhecidos como os pioneiros no assunto, e que talvez tiveram contato com os registros de Sukhareva. Uma das ideias mais contemporâneas de Sukhareva é a escola terapêutica que fundou, e onde seus seis pacientes autistas ficaram. A escola oferecia várias atividades como ginástica, carpintaria e pintura para melhorar as habilidades sociais e motoras das crianças, para que então no futuro tivessem a chance de frequentar uma escola comum. As suas anotações são muito parecidas com o registro do DSM-5 (2013) sobre autismo de acordo com a análise feita por Manouilenko e Bejerot (2015), mesmo com quase noventa anos de diferença entre as publicações. As explicações de



Sukhareva sobre as crianças que cuidava possuíam uma linguagem simples de entender, e também envolvem o paciente com perguntas. Não falavam apenas do perfil psicológico, mas também a história familiar do paciente, seu perfil físico, exames gerais, seu progresso e diagnóstico e sumário do caso; e ao fazer estes testes não apenas comportamentais, Sukhareva hipotetizou que o cerebelo, gânglios basais e lóbulo frontal poderiam ser a base anatômica da esquizofrenia infantil. Coincidentemente, ao ter uma hipótese muito além de seu tempo, Sukhareva nunca acreditou na teoria das “mães geladeiras” originada em 1949 por Leo Kanner, popularmente conhecido como o pioneiro em estudos sobre autismo junto de Hans Aspergers, na sua publicação "Problems of Nosology and Psychodynamics of Early Infantile Autism.", que atribuía o autismo a falta de afeição parental ou frieza principalmente vinda da mãe. Mesmo que a ideia tenha sido originalmente de Kanner, a teoria de “mães geladeiras” se popularizou com Bruno Bettelheim em 1967 com seu livro “The Empty Fortress: Infantile Autism and the Birth of the Self”, que descrevia suas experiências como um homem judeu vivendo na Áustria de 1932 e 1938; Bettelheim comparou mães de crianças autistas a guardas de prisões nazistas, e o ambiente familiar das crianças com um campo de concentração, cementando a direção de estudos sobre autismo até os anos 1980.

5.2 CAPACITISMO E MISOGINIA

Sempre que forem mencionadas mulheres, garotas e/ou meninas neste artigo refere-se às pessoas designadas mulheres ao nascer e que foram socializadas como tal - a inclusão de pessoas trans nas discussões sobre o autismo é essencial, porém este trabalho delimita-se a falar sobre as pessoas já citadas. A interseccionalidade é um conceito sociológico popularizado em 1989 que se refere sobre como tipos de preconceito dependem um do outro se interseccionam para formar uma discriminação única, que neste artigo consiste do capacitismo e da misoginia que afetam a mulher autista. Por ser uma experiência única da mulher autista, a isolamento de seus colegas é ainda mais aguda do que com apenas as dificuldades sociais que acompanham o autista de uma forma geral.



6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história sobre o autismo demonstra que os meninos sempre foram priorizados nos estudos, isso pode explicar o pouco conhecimento que se tem sobre autismo em meninas. Provavelmente a falta de desenvolvimento científico fez com que vários estereótipos fossem criados. Muitos aspectos além do pouco conhecimento científico beiram o preconceito em relação às mulheres, isso provavelmente retardou o conhecimento sobre meninas autistas.

Propor maneiras de apoio adequado às mulheres autistas.

Refletir sobre a necessidade de mudança de paradigma sobre o conhecimento relacionados às mulheres autistas.

De onde e porque se tem todos os estereótipos sobre o autismo e como melhor auxiliar mulheres que são diagnosticadas como autistas?

O autismo é visto com muitos estereótipos e normalmente estudado preferencialmente em meninos, não havendo uma perspectiva de inclusão e auxílio às mulheres autistas.



REFERÊNCIAS

Zener, D., 2019. Journey to diagnosis for women with autism. *Advances in autism*, 5(1), pp.2-13.

DSM-5, 2013

Manouilenko, I., & Bejerot, S. (2015). Sukhareva—Prior to Asperger and Kanner. *Nordic Journal of Psychiatry*, 69(6)

Hiller, RM, Young, RL, & Weber, N.. Diferenças sexuais no transtorno do espectro do autismo com base nos critérios do DSM-5: evidências de relatórios de médicos e professores . *Journal of abnormal child* , v. 42 (8), p. 1381-1393,

[Http://link.springer.com/article/10.1007/s10802-014-9881-x](http://link.springer.com/article/10.1007/s10802-014-9881-x) 2014.

Lord, C., Rutter, M., & Le Couteur, A. . Autism diagnostic interview-revised: A revised version of a diagnostic interview for caregivers of individuals with possible pervasive developmental disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 24(5), p. 659–685, 1994.

PUIG JOVÉ, L., Diferencias de género/sexo en el perfil psicológico de adolescentes diagnosticados de trastorno del espectro del autismo . 2016, pp. 3–82.



Solomon, M., Miller, M., Taylor, SL, Hinshaw, SP e Carter, CS. Sintomas de autismo e psicopatologia internalizante em meninas e meninos com transtornos do espectro do autismo . *Jornal de autismo e transtornos do desenvolvimento* , v. 42 (1), p. 48-59, 2012.

Ssucharewa, Dr. G, E: Die schizoiden Psychopathien im Kindesalter. (Part 1 of 2). *Eur Neurol* 1926;60:235-247. doi: 10.1159/000190478

Wolff, S. (1996). The first account of the syndrome Asperger described? *European Child & Adolescent Psychiatry*, 5(3), 119–132. doi:10.1007/bf00571671

Cohner, Sean, "Early Infantile Autism and the Refrigerator Mother Theory (1943-1970)". *Embryo Project Encyclopedia* (2014-08-19). ISSN: 1940-5030
<http://embryo.asu.edu/handle/10776/8149>.

Kanner, L., 1943. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous child*, 2(3), pp.217-250.